

Flávio Badaró  
Gustavo Noronha Silva  
José Nailton Silveira de Pinho  
Kátia Geralda Pascoal Fonseca  
Walison Vasconcelos Pascoal

*Roteiro:*  
*Tocqueville: as instituições livres*

Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

outubro / 2003

Flávio Badaró  
Gustavo Noronha Silva  
José Nailton Silveira de Pinho  
Kátia Geralda Pascoal Fonseca  
Walison Vasconcelos Pascoal

*Roteiro:*  
*Tocqueville: as instituições livres*

Montes Claros  
outubro / 2003

## 1. Introdução

Tocqueville era claramente um defensor da liberdade como um dos pilares fundamentais da democracia. A marcha incessante da igualdade, algo natural, poderia significar o fim do sentimento de nação, a vitória do individualismo.

Com as instituições democráticas Tocqueville acredita que é possível fazer as pessoas se lembrarem de que vivem em comunidade e evitarem um Estado totalitário e tirano, que poderia nascer de uma democracia sem liberdade.

## 2. O amor ardente e duradouro pela igualdade

Como dito, os povos democráticos tendem a amar e desejar a igualdade fortemente. Tocqueville nos mostra que:

“Se nenhum diferir, então, de seus semelhantes, ninguém poderá exercer um poder tirânico; os homens serão perfeitamente livres, porque serão todos completamente iguais; e serão todos perfeitamente iguais porque serão completamente livres. É para esse ideal que se inclinam os povos democráticos.” (p. 174)

Os povos são até mesmo capazes de se acostumarem com um governo paternalista, que toma conta de tudo e lhes nega participação política, desde que fossem iguais. Eles tolerarão “a pobreza, a servidão, a barbárie, mas não tolerarão a aristocracia.” (p. 175).

## 3. O risco da aristocracia

Embora os povos democráticos tendam a detestar a aristocracia, ela parece surgir do seio da democracia. A divisão do trabalho apresenta esse risco, quando especializa o operário e dá mais e mais intelectualidade ao “mestre”. Tocqueville aponta para esse risco e alerta que “se a desigualdade permanente das condições e a aristocracia algum dia adentrarem novamente o mundo, pode-se prever que entrarão por esta porta.”.

## 4. A igualdade e a individualidade

A natureza igualitária do processo democrático pode acabar causando individualismo. Os iguais podem passar a se considerar auto-suficientes e se isolarem da vida social e da

arena política. Tocqueville alera que:

“À medida que as condições se equalizam, existe um número maior de indivíduos que, não sendo mais bastante ricos nem bastante poderosos para exercer uma grande influência sobre o destino de seus semelhantes, adquiriram ou conservaram no entanto, bastante saber e bens para poder se bastar a si mesmo. Não devem nada a ninguém e, por assim dizer, não esperam nada de ninguém; habituam-se a se considerar sempre isoladamente e imaginam de bom grado que seu destino está inteiramente em suas mãos.” (p. 176)

Tocqueville implica que essa situação pode acontecer pela falta de pessoas poderosas o suficiente para intervir com resultado na vida política. Segundo ele, em uma democracia igualitária são as associações e instituições livres que devem substituir esses poderosos no progresso da democracia.

## **5. As instituições livres contra o individualismo**

Em aparente contradição, Tocqueville considera uma outra direção que a igualdade pode dar às ações e preferências das pessoas em uma democracia. Segundo ele, os povos democráticos acabarão adquirindo insatisfação em relação às autoridades e se sentirão independentes, como no caso do individualismo.

Dessa outra perspectiva, no entanto, Tocqueville observa uma conseqüência muito diversa: o gosto pelas instituições livres e o amor pelas liberdades políticas.

Quando falamos do individualismo vimos que Tocqueville pensa que as associações devem ser as grandes defensoras da liberdade. A imprensa, por exemplo, deve ser uma instituição livre, para servir como arma na defesa das liberdades políticas.

No Brasil, a imprensa foi muito importante para a criação do sentimento de nação e a integração nacional. Iniciativas como o Jornal Nacional, a Voz do Brasil e os vários jornais impressos foram responsáveis por fazer que o paulistano soubesse dos problemas de seus irmãos nortistas.

Na defesa pelas liberdades, a imprensa certamente prestou um grande serviço. Os universitários utilizaram várias vezes de pequenos jornais e panfletos como forma de protesto e geração de consciência. A imprensa “comercial” também deu grandes contribuições em fatos importantes como as Diretas Já e o Impeachment de Collor.

Percebemos, então, a grande importância que essa instituição tem para a cidadania,

e a importância da liberdade política, de imprensa e expressão para o desenvolvimento da democracia.

## Referência Bibliográfica

QUIRINO, C. G. Tocqueville: sobre a liberdade e a igualdade. In: WEFFORT, Francisco (Org.). *Os Clássicos da Política II*. São Paulo: Ática, 1995. p. 149-188.